

O ROSTO DO TRAIADOR

Apoiada na balaustrada enferrujada do dique, absorta na contemplação dos turbilhões glaucos, Hana Krzyzewska espera por ele. Lá, junto ao moinho abandonado e podre, olhando a água levar as folhas amarelas, pensa sem dúvida na passagem opressiva das estações efêmeras. Tem sardas (que mal se discernem neste momento, na semi-obscuridade da noite de outono), mas essas manchas de sol não podem ser a marca da traição, talvez sejam o signo da raça e da maldição, mas não a marca da traição. Hana Krzyzewska chegara a Antonovka alguns meses antes, fugida da Polônia, onde a polícia andava atrás dela. Antes de chegar à fronteira passara cinco horas na água gelada do reservatório da locomotiva, recitando poemas de Broniewski para se consolar. Os camaradas haviam feito documentos falsos para ela, não sem antes verificar cuidadosamente seu passado: era impecável em sua banalidade (exceto a nodozinha de suas origens burguesas). Em Munkatchevo ela dava aulas particulares de alemão (um alemão muito semelhante ao iídiche), fazia a ligação entre as células de Munkatchevo e Antonovka, lia Clara Zetkin e Paul Lafargue.

MISSÃO CUMPRIDA

Seguindo o exemplo de Aimicke, Mikcha não disse absolutamente nada. Esse era um direito que tinha, tanto mais que estava vendo o rosto do traidor. Será que naquele momento teve a impressão de que a máscara do traidor se adaptava bem ao rosto de Hana Krzyzewska, esse rosto coberto de sardas que pareciam grãos de areia e que formavam uma máscara mortuária dourada? Os documentos

que estamos utilizando falam a linguagem rude dos fatos, e a palavra *alma*, neles, soa como blasfêmia. Uma coisa, porém, pode-se concluir com segurança: cumprindo seu dever de justiceiro, Mikcha envolveu o pescoço da moça com os dedos curtos e apertou até que o corpo de Hana Krzyzewska afrouxasse. Depois de cumprida a missão, ficou imóvel durante algum tempo. Era preciso, conforme determinam as duras leis do crime, eliminar o cadáver. Inclinando-se sobre a moça, lançou um olhar circular (em torno, apenas as sombras ameaçadoras das árvores), depois arrastou-a pelas pernas até o rio. O que aconteceu depois, a partir do momento em que empurrou o corpo para a água, foi como uma história antiga na qual, para que a justiça triunfe, a morte se vale de diversos estratégias para evitar o sacrifício das crianças e das jovens virgens: no meio dos círculos concêntricos, Mikcha viu o corpo da afogada e ouviu seus gritos alucinados. Não era uma ilusão, não era um fantasma invadindo a consciência perturbada do assassino. Era o corpo de Hana Krzyzewska que, apesar do pânico, atravessava com destreza a água gelada, soltando-se do pesado capote de pele de ovelha decorado com dois lírios vermelhos à altura dos quadris. O assassino (que ainda não merecia esse nome) olhou petrificado a jovem que se afastava para a outra margem e o casaco de Bucovina que descia com as águas velozes do rio. Sua hesitação não durou muito. Mikcha correu acompanhando o rio, chegou à ponte da ferrovia e passou para a outra margem no momento em que ressoava às suas costas o longo lamento de uma locomotiva, que as vibrações sonoras dos trilhos já anunciavam havia muito tempo. A jovem estava deitada no lodo à beira da água, entre os troncos nodosos dos chorões. Respirando com dificuldade, tentava inutilmente levantar-se e fugir. Enquanto lhe enfiava em pleno peito a lâmina curta de sua faca de Bucovina